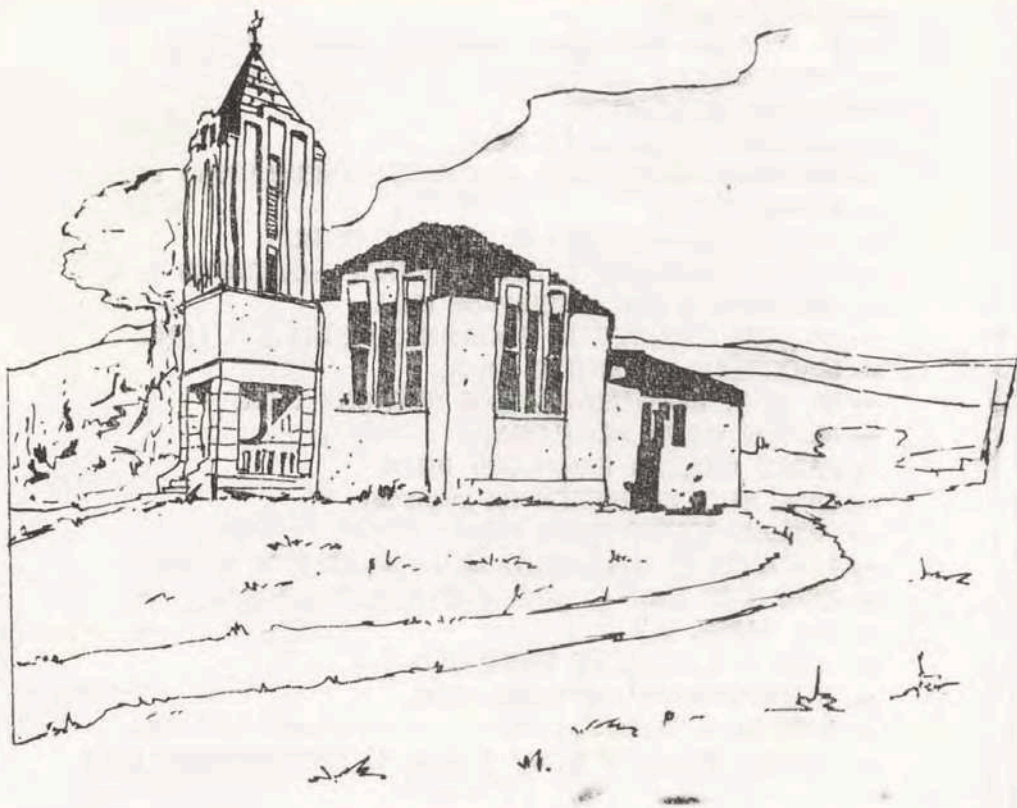


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Fevereiro de 1995

Nº. 2



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODIZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Fevereiro de 1995

Nº. 2

SUMÁRIO

Página

| | |
|--|----|
| Jornalista de Blumenau na imprensa do Irmão Sol — Theobaldo Costa Jamundá .. | 34 |
| Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta | 35 |
| Autores Catarinenses — Enéas Athanázio | 38 |
| O Outro Stauffenberg — Armando L. Medeiros | 41 |
| Biografia do cidadão indaialense Fritz Müller — Orla Kadletz | 45 |
| Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves | 47 |
| Figura do Passado - Hercílio Gonçalves (Dico) nos cinquenta anos da história da F.E.B. | 48 |
| Aconteceu... — Dezembro de 1994 | 53 |
| Genealogia das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges | 56 |
| A Família Arriola em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento | 60 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 15,00

Número avulso R\$ 4,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 35,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA: Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

Jornalista de Blumenau na imprensa do Irmão Sol

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

Chamado por Deus para eternidade FREDERICO KILIAN (1899-1995) viajou (a última viagem) para lugar que a Morte não mata. Não saiu da Cidade da qual foi guardião da crônica e do Patrimônio histórico. Sua ausência entre os vivos dura até quando se queira encontrá-lo no que escreveu: presente na bibliografia catarinense aparece entre os informantes confiáveis. Não copiou José Deeke (1875-1931) nem imitou José Ferreira da Silva (1897-1973) foi da vanguarda que frei Ernesto Emmendoer (1897-1980) liderou e rotulou como Amigos de Blumenau, numa **Sociedade Amigos de Blumenau** para assegurar o zelo preservador da Identidade cultural brasileira com marca catarinense.

E Kilian na fidelidade que ofereceu a essa vanguarda agigantou-se. Ele dominando ser escritor bilingüe (alemão e português) foi destaque na historiografia regional. E serviu, comunitariamente, à área cultural do próprio domicílio e residência em três funções necessárias. E foi um conseqüente no: (1) espaço do judiciário; (2) no espaço do ensino; (3) no espaço dos intelectuais. E, exatamente, sendo um tanto cronista do passado e um tanto memorialista ele tem dispersos por revistas e jornais os textos que o fazem verbete obrigatório na Bibliografia Barriga-Verde.

Criatura de estatura modesta, jeito simples e voz inconfundível colheu a referência adjetivadora dos privilegiados. E se lhe nota essa distinção por ter nascido quando século passado terminava como se sob o Sol por propósito divino fosse selecionado para ser quem foi: escritor da Literatura-cultura, ala da historiografia social, ramal teuto-brasileiro.

Recordo-o vivo na imortalidade e útil aos contemporâneos como garimpeiro disciplinado durante a vida inteira: um intelectual de Blumenau. Entretanto pelo que escreveu ultrapassou os limites municipal e regional; (1) no português do Brasil está na bibliografia brasileira; (2) na língua de Goeth (1749-1832) está na bibliografia germânica.

E por que as histórias regionais subsidiaram a História geral dos catarinenses conforme reescreve fundamentado de suficiências o historiador Walter F. Piazza, vem, exatamente, com os memorialistas Theodor Lüders (1851-1938), frei Estanislau Schaeette O. F. M e Carlos Fouquet aparecer com os dois últimos (dos quais foi contemporâneo) no livro "Centenário de Blumenau 1850 de setembro 1950".

E mais ainda na admissão que todas as páginas desse livro, hoje esgotado e raro, são valorizadas pelo conteúdo das informações. Entretanto a medir a significação das práticas associativistas na "Kolonie Blumenau", é da autoria de Kilian as informações que se ali não estivessem sob o título: "Sociedades e Associações em Blumenau", fa-lo-ia incompleto.

Ao modo catarinense de identificar por zona ou como orienta o IBGE por Microrregiões homogêneas, Kilian, é incluído nos de Blumenau. A determinação da inclusão é da Geopolítica catarinense. Quando o conheci (1940) era cartorário merecedor de prestígio do juiz de Direito, o paraibano dr. Luna Freire. Conceituado na sociedade civil aceitava como todos de sua classe o Getulismo dominante (Cf. R. A. Silva Seitenfus, o Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blo-

cos: 1930-1942, São Paulo, SP 1985). O detalhe é que então não escrevia para ser lido. Minha relação com ele foi vaga-rosa e a ponta inicial foram os encontros na ambiência do palácio municipal, época do prefeito José Ferreira da Silva e as atividades exercidas por mim na inspetoria escolar.

Ele avultou-se no meu respeito quando secretariando frei Ernesto ofereceu a inteligência, a capacidade de trabalho e a sensibilidade de pesquisador. — Ele o cartorário correto denunciou-se com suficiências para ser o garimpeiro do passado. — Aí "Seu" Kilian o escrivão mostrou que era também o historiógrafo sensibilizado em tirar do esquecimento o raizame da Memória.

Neste Brasil de meu Deus muito da Memória foi resgatado por gente assemelhada ao que ele foi na garimpagem-cultural que o consagrou.

Teria publicado mais. Quiséramos a autoria dele em vários livros. O pouco

muito pouco, útil muito útil que deixou esparso, informa ter sido quem sendo confiável sabia muito do ontem alicerce deste hoje 1995. Na produção escrita acervo da obra que incluiu na Bibliografia catari-nense incluiu-se no espaço que a Morte não mata. Gente como esse blumenauense adotivo, mesmo com a Missa do sétimo dia e lápide em Campo-santo, vive nas páginas que assinou.

Recordo-o sendo tecelão do pedaço de momento adulto, e na artesanaria de fio por fio, ele apenas ambicionou a permanência do amor à Blumenau terra, e o culto da preservação à memória de Blumenau fundador da Colônia.

Agora de Kilian certeza se tem: não será encontrado na casa tal da rua tal e sim no capítulo onde os historiógrafos permanecem à disposição dos interessados. Dir-se-ia fixando-o na Eternidade: KILIAN ESTÁ NA IMPRENSA DO IRMÃO SOL.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta

— Padre Alfredo Bortolini, Diretor do Colégio «São Paulo» e Vigário da Paróquia de Ascurra.

Em nossa caminhada cronológica, estribando-nos sempre em pesquisas cuidadosas em livros antigos e atas; em entrevistas com pessoas de terceira idade, descendentes de pioneiros italianos, coletamos fatos memoráveis, com os quais será elaborada a HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, FUNDAÇÃO e DESENVOLVIMENTO de ASCURRA.

Alegramo-nos imensamente, pois por onde temos andado e procurado arquivos, sempre nos foram

franqueados, sem nenhum empecilho, e encontrado uma colaboração pronta e cordial, das pessoas responsáveis. As Reminiscências deste Capítulo, apresenta-nos um trabalho admirável, desenvolvido pelo sacerdote Alfredo Bortolini, salesiano de Dom Bosco, quando atuou na direção do Colégio «São Paulo» de Ascurra, de 1952 a 1958. Filho de simples agricultores de Rio Cérro, município de Jaraguá do Sul, deixa definitivamente sua terra natal.

Em princípio de 1952, foi designado pela Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em São Paulo, para assumir a Diretoria desse aspirantado. Esta Casa Salesiana foi entregue a um homem excepcional; a uma figura de notável prestígio e dotado de qualidades humanas admiráveis. Sempre ele sorridente e inteiramente imbuído da pedagogia de Dom Bosco; sabia fazer amigos por onde andasse e preocupava-se com o bem-estar de todos, especialmente, com a formação dos aspirantes desejosos de seguir a carreira sacerdotal.

Em janeiro de 1927, Alfredo Bortolini, juntamente com mais 12 meninos que sentiam em sua alma a vocação sacerdotal, partiram de Ascurra para Blumenau, de trem, e desta cidade, de vapor pelo Rio Itajaí-açu ao Porto de Itajaí, tendo como guia, o Padre João Rolando. Embarcaram no navio do Lloyd Brasileiro para aportarem no Rio de Janeiro, onde no Colégio «Santa Rosa» de Niterói, permaneceram por vários dias. Dessa cidade, prosseguiram de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, diretamente para Lavrinhas, no Estado de São Paulo, em cujo Seminário Menor São Manoel, foram festivamente acolhidos.

Cursou ele, ginásio, ingressou no noviciado, etapa preparatória para os votos religiosos; fez Filosofia, três anos de vivência prática como assistente dos seminaristas e professor, nos anos de 1934 a 1937 e, finalmente, fez Teologia, para ser ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1941. Depois de Padre, desempenhou várias funções, ao correr dos anos, no Estado de São Paulo e em 1952, assumiu a direção do colégio de Ascurra. Padre Alfredo Bortolini, era

uma alegria presente em toda parte e tudo deixava organizado para tornar sempre mais agradável a vida de 150 jovens vocacionados, em plena exuberância de seus verdes anos e ansiosos por alcançar a vida religiosa sacerdotal. Amável e compreensivo, dedicava-se com amor à formação dos jovens e, também, no atendimento espiritual da comunidade, como vigário paroquial da igreja matriz Santo Ambrósio, nomeado por provisão de 28 de fevereiro de 1953, por Dom Pio de Freitas, Bispo da Diocese de Joinville. Era uma bondade em todas as circunstâncias, dialogando constantemente com os seus responsáveis imediatos que o auxiliavam a administrar a Casa: Padre Ecônomo, Catequista, Conselheiro Escolar, Professores e Clérigos Assistentes. Outro aspecto que o consideramos o primeiro em dignidade: procurava imprimir n'alma dos jovens seminaristas uma suave formação religiosa, aproveitando todas as ocasiões para que o pensamento de Deus, em todos os seus aspectos, calasse em seus corações. Assistiam missa cotidiana, segundo a orientação do sistema de Dom Bosco, na artística Capela do Colégio, edificada com expressivos recursos financeiros provenientes dos Estados Unidos através do benemérito Padre Simão Majcher, de saudosa memória, salesiano, nascido na Polônia, com uma sucessão de serviços prestados em comunidades naquele País, e depois, em Ascurra, até sua morte. Os Irmãos Coadjuutores Salesianos dedicavam-se à culturas extensivas de cereais, além da criação de animais de pequeno porte, para suprir a cozinha. O Vigário Padre Bortolini, em pouco tempo, conseguiu um relacionamento amigável com os paroquianos, autori-

dades municipais e estaduais, quando à frente dos destinos espirituais da Paróquia. A população de Ascurra bem como a dos municípios vizinhos, muito devem por seu empenho total, em que procurou com todas as suas forças, converter em realidade a aspiração desse povo, que vinha alimentando, ao longo de meio século: a construção da Ponte sobre o Rio Itajaí, cuja inauguração, aconteceu por ocasião da solene recepção dos neo-sacerdotes, Antônio Possamais, Hilário Passero, Juvenal Zonta, Ângelo e Ítalo Cemin, na véspera de Natal de 1957. Representou um acontecimento marcante para a região do Médio Vale do Itajaí-açu. Esta obra trouxe benefícios incalculáveis para todo o Estado.

Em seu período, na direção do Colégio, inaugurou na véspera da morte do Padre Simão, o Teatro Domingos Sávio, obra de inestimável valor arquitetônico.

Em 1957, Padre Bortolini, recebe com os demais religiosos e a comunidade ascurrense, o 5º. sucessor de Dom Bosco, Dom Renato Zigiotti, por ocasião de sua visita às obras salesianas dispersas em quase todos os Estados Brasileiros. Em princípio de 1958, Padre Bortolini, se despede dos paroquianos, dos salesianos e seminaristas do Colégio «São Paulo», quando deixa a Paróquia e o cargo de Diretor, para assumir a Inspetoria Salesiana São Pio X, recém-criada, com sede inicialmente na cidade de Rio do Sul e, posteriormente, transferida para Porto Alegre, RG, afim de ser o primeiro Inspetor do Sul.

Transcrevemos na íntegra a

Ata de Posse do novo Pároco da Igreja Matriz de Santo Ambrósio:

«Ata de posse do muito Revdo. Pároco Alfredo Bortolini».

«Ao primeiro dia do mês de março do ano de mil e novecentos e cinquenta e três, pelas sete horas e meia da manhã, nesta Matriz de Santo Ambrósio desta Freguezia de Ascurra, sendo aí, na qualidade de convidado do novo pároco, em minha presença — Pe. Simão Majcher, compareceu, acompanhado das testemunhas abaixo-assinadas, o Padre Alfredo Bortolini, Pároco desta Freguezia, nomeado por Provisão de S. Excia. Dom Pio de Freitas, DD. Bispo de Joinville, datada de 28 de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e três, e em ato seguido, procedi à leitura da Provisão e introduzi na posse desta Freguezia, observando o cerimonial preceito, sem que houvesse contestação alguma.

É para constar, lavrei esta Ata, que assino com o novo Pároco e as testemunhas designadas.

Padre Alfredo Bortolini. Padre Simão Majcher, Ambrósio Poffo, Calixto Testoni.»

Em 27 de novembro de 1991, foram comemoradas com grande afluência de povo, no Colégio «São Paulo» as Bodas de Ouro Sacerdotais de Padre Alfredo Bortolini. E neste mesmo dia, festejados, solenemente, os 50 anos de sacerdócio dos salesianos, Padre Tercílio Chiarelli e Padre Mário Satler. Presentes à esta comemoração, os seminaristas do Colégio, Padres e Clérigos e membros da Inspetoria São Pio X, com o seu Inspetor Padre Barufi.

No próximo número desta Revista :

- Visita Pastoral à Matriz de Ascurra e Capela em 25 de junho de 1959 e
- Alfredo H. Hardt, novo Prefeito de Indaial em 30 de janeiro de 1961.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

I

Jayme Pereira, catarinense de Camboriú, é figura destacada nas letras do Amazonas, onde se radicou há muitos anos. O recente livro «Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas», organizado pelo conhecido ficcionista e crítico Arthur Engrácio, lhe concedeu bom espaço, informando a respeito de suas atividades culturais e obras publicadas, nem sempre conhecidas aqui no seu Estado natal.

Advogado militante e jornalista, Jayme Pereira pertence a diversas entidades, sendo detentor de condecorações significativas. Preside a União Brasileira de Escritores do Amazonas (UBE), cuja existência historiou em livro de 1979. É autor de mais de uma dezena de livros, que vão da poesia ao ensaio, da história à reportagem, da sociologia à mitologia amazônica, escrevendo inclusive em esperanto.

«A sociologia tem em Jayme Pereira, entre nós, um dos seus poucos cultores sérios e dedicados — escreveu Engrácio. — Com uma vocação acentuada para o estudo dessa ciência, nas conferências que profere, nos artigos que publica na imprensa, nota-se-lhe a preocupação com os problemas do homem ante a realidade do mundo atual. É um escritor participante, que se integra, realmente, na conjuntura dos fenômenos sociais e humanísticos, procurando encontrar solução para os males de ordem moral que, atualmente, tanto corrompem e enodoam o caráter da humanidade» (pág. 59).

O excerto reproduzido em seguida pelo organizador dá bem a mostra de um escritor com estilo límpido e idéias claras, a quem homenageamos, registrando aqui o seu trabalho, para conhecimento de seus conterrâneos. E ao Arthur Engrácio vão nossos parabéns pelo trabalho realizado, permitindo uma visão de conjunto das letras praticadas no importante Estado do Norte.

II

Entre os diversos e excelentes ensaios publicados no recente nº. 152, da revista «Notícia Bibliográfica e Histórica», editada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), destaco «Cruz e Sousa e o Hinduísmo», de autoria de Fernando Whitaker da Cunha, onde o autor inicia afirmando como o grande simbolista «oferecerá sempre ângulos novos à abordagem crítica», partindo em seguida na busca dos liames que o ligam, através da obra, à cultura hindu, «feita de fé e de sonho, arquetípica por sua inata e vertiginosa sede do sagrado.» E nas páginas seguintes, revelando erudição e conhecimento de Cruz e Sousa, mergulha fundo na sua obra, deixando, afinal, demonstrada a sua proposição. Um ensaio que dá ao leitor o autêntico prazer da leitura, sem falar na originalidade do viés focalizado.

III

Faleceu no início do ano, aos 96 anos de idade, o sr. Frederico Killian, figura das mais conhecidas em Blumenau. Antigo servidor da Justiça, conhecedor seguro de suas práticas e trâmites, foi um atento observador das coisas regionais, delas guardando vasta gama de informações. Organizado, deixou grande quantidade de documentos que, segundo informações, deverão ser doados ao Arquivo Histórico. Killian foi, acima de tudo, testemunha ocular e interessada de quase um século da vida do Estado, da região e, principalmente, da cidade. Viu, ouviu e participou dos mais variados eventos, cuja grande maioria só veio ao conhecimento dos mais jovens através de fontes secundárias ou narrativas escritas. Nos muitos anos aqui vividos, eu me acostumei a vê-lo percorrendo a Rua XV ou perambulando pelo Fórum, de pasta em punho, sempre solícito, sorridente, disposto a orientar, contando passagens do muito que viu e arquivou na memória.

IV

Teresinka Pereira, poeta e escritora brasileira radicada nos Estados Unidos, vem realizando, há muitos anos, um paciente e constante trabalho de divulgação de autores latino-americanos, entre eles vários brasileiros de Santa Catarina. Nas revistas e boletins que edita, nas palestras que profere nos EUA e em outros países, há sempre espaço e referências aos brasileiros. Além disso, ela realiza incansável intercâmbio através de livros, textos publicados ou não, e a imprensa. Seus poemas foram traduzidos para mais de vinte línguas e publicados em cerca de mil revistas e antologias internacionais.

No início de agosto do ano passado, Teresinka permaneceu vários dias na Coreia, a convite da Associação Coreana de Poesia, sendo agraciada com o grande Prêmio Internacional de Poesia. O poeta Kim Yuhn Bok será seu tradutor naquele país.

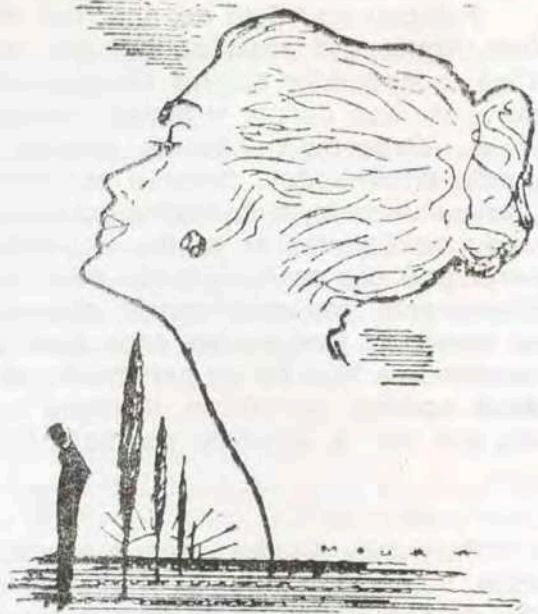
Nesse mesmo ano, acompanhada do poeta Dennis Kann, vice-presidente da «Internacional Written and Artists Association», que ela preside, esteve no Brasil, como fizera no ano anterior, mas desta vez não veio ao Sul. Visitou de preferência cidades do Norte e do Sudeste, como o Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Palmas (TO), Goiânia, São Félix do Araguaia (MT) sempre fazendo palestras, contando com intelectuais e com a imprensa. Ela tem colaborado com diversos periódicos de nosso Estado e aqui esteve em 1993.

V

Esteve em Santa Catarina, inclusive em Balneário Camboriú, onde tive o prazer de recebê-lo, o poeta e escritor Paulo Nunes Batista, autor de inúmeros livros e trabalhos publicados na imprensa. Natural da Paraíba, vive há muitos anos em Anápolis (GO). Especialista em literatura de cordel, participa sempre dos eventos e atividades do cordelismo. Em 1983, por ocasião dos dez anos de minha estréia em livro, ele me homenageou com um delicioso «ABC para **O Peão Negro**». Em seu cartão de visitas está escrito: «É Paulo Nunes Batista/em Direito bacharel/jornalista, repentista/especialista em cordel.»

VI

Geraldo Serrano Neves (1907-1961) foi um poeta de grande popularidade e muita influência exerceu sobre minha geração. Seus poemas, principalmente o célebre soneto «Saudade», publicado ao lado, com ilustração de Moura (José Corrêa), festejado artista plástico, eram muito apreciados. Meu amigo Cesar Vieira Ouriques foi grande declamador desse poema e outros de autoria do poeta falecido aos 54 anos de idade.



Saudade

Saudade de um amor que nunca tive;
saudade de alguém que nem me vê;
saudade imensa que em meu peito vive
essa saudade imensa de você...

Agora, já dos anos no declive,
quando minh'alma em quase nada crê,
cada dia que passa, mais revive
essa saudade imensa de você...

Saudade dos passeios que não demos,
dos colóquios de amor que não tivemos,
dos beijos que você nunca me deu;

da vida linda que não desfrutamos,
das doces juras que nós não trocamos...
Saudade de um amor que não foi meu...

Geraldo Serrano Neves

O Outro Stauffenberg

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM NOBRE ANDARILHO

Armando L. Medeiros

Maio de 1978. A bordo de um vagão do DB, entre Zürich e Stuttgart.

Voltávamos de uma breve viagem à Suíça, aonde eu tinha levado dois clientes que comigo estavam na Alemanha visitando uma das fábricas da corporação que me empregava. Para eles fora a primeira visita a Zürich.

Tínhamos aproveitado o feriado do primeiro de maio e estávamos animadamente a comentar os eventos do dia, bem acomodados em uma cabine de seis, que dividíamos com apenas mais um passageiro já idoso e de aspecto quieto. A conversa foi subitamente interrompida pelo estranho, falando em um inglês fluente, embora com forte acento alemão.

— Desculpem a pergunta, mas a língua que vocês estão falando é português?

— É português do Brasil, respondi, iniciando uma conversa que veio a ser bastante longa e a tornar-se extremamente interessante.

O homem identificou-se como professor de oceanografia. Morava em Frankfurt e estava voltando de Genebra, onde havia proferido uma conferência sobre sua especialida-

de. Conhecia um pouco de nossa língua, embora apenas o suficiente para reconhecê-la, graças ao tempo que passara internado no Uruguai, como ex-tripulante do Graf Spee ⁽¹⁾. Estivera até mesmo uma vez em Porto Alegre.

— Então acho que conheci um colega seu!, falei, após ouvir sua longa apresentação.

Outubro de 1950, Blumenau.

Repetindo o que fazíamos quase todos os dias, estávamos a passear de bicicleta. Subindo a Rua Sete em direção ao Morro dos Padres, eu e um grupo de vizinhos, terminamos por entrar no terreno onde havia funcionado o grande parque de diversões durante os festejos do Centenário. A única construção remanescente era o ringue de patinação, uma área coberta de seus seiscentos metros quadrados, em madeira, com assoalho liso, verdadeira delícia para as bicicletas, numa época em que a úni-

(1) O encouraçado ligeiro Graf Spee foi encurralado por três navios ingleses na foz do Rio da Prata, em dezembro de 1939. Embora dispusesse de poder de fogo bem maior do que a soma dos três inimigos, refugiou-se no porto neutro de Montevidéu, depois de infligir pesados danos a um de seus oponentes. Por ação da diplomacia britânica, foi forçado a deixar o País. Para estarrecimento dos ingleses que o esperavam, afundou, ainda no canal do porto, por ação da própria tripulação, a qual foi então internada no Uruguai até o fim da guerra. Seu comandante suicidou-se.

ca via pavimentada da cidade era a Rua Quinze, ainda assim, calçada com paralelepípedos. . .

Pelos rígidos valores daquele tempo, parecia-me, no entanto, que estávamos a invadir propriedade alheia, sem permissão. Este sentimento foi reforçado ao deparar-me com um homem a observar nossos folguedos. Procurei-o e, quase com humildade, perguntei se deixaria que brincássemos ali. O pobre nada entendeu e apenas respondeu, em alemão, que não tinha nada com aquilo, apenas usava o lugar para dormir.

Não falava uma palavra de português e eu, quase nada de alemão, mas assim mesmo uma curiosa conversa se estabeleceu entre aquela criança de onze anos e um forasteiro de seus quarenta. Bicicleta ao lado, escutei sua história.

Seu nome era Otto. Era louro e não muito alto. Não parecia ter porte de um ex-oficial da marinha alemã que dizia ser. Seu navio teria sido afundado no Uruguai. Tinha vindo de Lages, aonde tinha chegado vindo de Montevideú, depois de passar, sempre a pé, por Porto Alegre, Caxias e Vacaria, numa viagem de muitos meses. Não tinha casa, nem dinheiro, nem comida. Mostrou-me xepas de cigarro que catava pelas ruas para poder manter seu pequeno vício.

Meu espanto foi tão grande que quase me fez esquecer da bicicleta. Nunca havia visto alguém fumar guimbas catadas no chão. Gente pedindo comida era relativamente comum, mas eram sempre caboclos de aspecto miserável e nunca louros alemães. . . Ainda atordoado pelo novo conhecimento, pedalei algumas voltas pelo assoalho do ringue e voltei para casa.

Morávamos nessa época na

casa construída por meu pai na Rua Getúlio Vargas e que mais tarde, já vendida, recebeu o número 143 (um prédio comercial a substituiu há alguns anos). Estava no meio da rua, brincando com meus irmãos e vizinhos, quando vi Otto se aproximando. Fui cumprimentá-lo, em nome de nossa amizade já velha de dois dias. Perguntou se eu morava ali e se poderia arranjar-lhe algo para comer, e, quem sabe, alguns cigarros de meu pai. . .

Mais por mímica que por palavras, disse-lhe para esperar e corri até a cozinha, onde não encontrei nada pronto, nem mesmo pão. Fazendo sinal para que esperasse mais um pouco, corri até a quitanda de Rolando Klueger, no prédio de meu avô, na Rua Quinze. Procurava comprar alguns pãezinhos de quinhentos réis (que embora custassem então cinquenta centavos continuavam conhecidos pela moeda antiga. . .), mas não havia pão na quitanda, que era o único lugar em que eu poderia comprar sem pagar, pois «botava na conta». Comprei então cinco doces de mel, um tipo de pãozinho redondo com este sabor e que tinha uma cobertura açucarada, e um maço de Liberty Ovais. Tive dificuldade de explicar ao seu Klueger que os cigarros seriam para um tio, pois ele sabia que meu pai não fumaria Liberty, marca por mim escolhida por ser a mais barata (era também a mais forte. . .).

Voltando, entreguei a merenda para Otto, que agradecia, genuinamente emocionado. Estava de partida para Itajaí, de onde iria continuar até Joinville. Enquanto eu explicava rapidamente a meus companheiros quem era aquele velho que viajava a pé, ele se foi, sem

nem mesmo olhar para trás, parecendo chorar.

Maior de 1978. Vagão do DB.

— Von Stauffenberg! Otto von Stauffenberg! Sem a menor dúvida, exclamou o Professor após ouvir a minha história. Então era verdade!, acrescentou.

Nosso companheiro de cabine complementou então a minha narração. Otto era irmão do Conde Klaus von Stauffenberg, de notoriedade adquirida com a tentativa de golpe de julho de 1944 ⁽²⁾.

Nascera em Dresden, onde seu pai era dono de indústrias pesadas. Influenciado pelo mesmo nacionalismo que resultou na ascensão do NZDAP ⁽³⁾ ingressou na marinha. Sua origem aristocrática garantiu-lhe o apoio dos poderosos, tendo servido como Seeoffizier do Abwehr, o serviço de contra-espionagem, sua verdadeira função a bordo do Graf Spee. No dia da partida do encouraçado para sua última e curta viagem em frente ao porto de Montevideu, foi deixado em terra, tal como a maior parte da tripulação.

No Uruguai levou uma vida sem transtornos, como empregado de uma empresa de navegação alemã. Chegou a estar de casamento marcado com Erika, uma bonita filha de alemães, até que um dia desapareceu sem deixar

rastros. Comentava-se que havia conseguido retornar à Alemanha, por Buenos Aires, por interferência do próprio Canaris.

De volta à pátria, a verdade é que passou a trabalhar bem próximo do Almirante. A 20 de julho, sua missão seria armar a bomba. Uma premonição, ou o medo da imensa sorte que sempre acompanhava Hitler, fez com que abandonasse a empreitada. Dois dias antes de partir para Königsberg com seus companheiros, sumiu em uma complicada e difícil viagem que o levou de Berlin a Dresden (teria ido despedir-se da família?) e de lá, a Friedrichhafen, de onde cruzou a fronteira Suíça, para aí permanecer por vários meses. Estava em Genebra quando sofreu o choque terrível de saber da destruição de Dresden pelos aliados, com o desaparecimento de quase todos os seus parentes ⁽⁴⁾. Desenvolveu então um processo de culpa, achando que se não tivesse fugido a bomba teria matado Hitler, acelerando o fim da guerra e poupado sua Dresden.

A espera na Suíça valeu-lhe um contato proveitoso com uma organização que comprava asilo na América do Sul para fugitivos importantes, através da qual conseguiu chegar, de novo, ao Uruguai para aí sofrer outro golpe. Durante sua ausência de quase quatro anos, Erika casara-se com outro, um alemão recém-chegado...

Depois da guerra, passou a

(2) Uma das muitas tentativas frustradas de assassinar Hitler, quando uma bomba foi colocada em uma sala do QG da Prússia Oriental, onde teria lugar uma reunião do alto comando alemão com o próprio Führer, que saiu ileso, com apenas pequenas escoriações. O Conde von Stauffenberg e o Almirante Canaris, chefe do serviço de contra-espionagem, foram executados, entre outros, em consequência de seu envolvimento.

(3) Partido Nacional Socialista Operário Alemão.

(4) A destruição de Dresden provocou a morte de 130.000 pessoas. Foram mais do que morreriam em Hiroshima alguns meses mais tarde.

sentir-se perseguido pela colônia alemã local, por sua participação naquela tentativa de crime de lesa-majestade. Dos menos simpáticos ao Terceiro Reich sentia frieza, por suas antigas funções no Abwehrdienst. Em seu íntimo lutavam sentimentos opostos que o destruíam.

Alardeava a seus conhecidos que, tal como tinha sido capaz de voltar à Alemanha durante a guerra, repetiria a façanha, nem que fosse a pé! Um certo dia, desapareceu novamente. Parece que chegou, não se sabia como, a São Paulo, onde acabou preso por falta de documentos. Sua identidade teria sido reconhecida por interferência do Consulado da República Federal, que lhe teria conseguido inclusive um lugar num navio para Hamburgo (as origens sempre ajudam...).

Voltou a Dresden onde se estabeleceu na construção civil, participando ativamente de reconstrução promovida pela união de vencedores e vencidos. Nunca levantou as indústrias do pai. Nunca constituiu família. Foi sempre um homem de poucas palavras. Gaba-se apenas de quase ter dado a volta ao mundo a pé. E ninguém acreditava!

— Encontrávamo-nos uma vez por ano, em dezembro, junto com alguns dos sobreviventes do Graf Spee. Von Stauffenberg ainda esteve presente em 1964 e 1969, quando celebramos os 25 e 30 anos da tragédia com cerimônias pela alma do Comandante e dos colegas pouco a pouco desaparecidos. Depois, não me lembro bem, mas acho que faleceu durante um dos últimos invernos; já não saía de Dresden.

Maio de 1978, DB entrando em Stuttgart.

— Bem, nós descemos aqui. Obrigado pela companhia e pela conversa.

— O prazer foi meu. Há muito que não encontrava um brasileiro. Aliás, seu país tem fortes laços com a Alemanha; seu presidente é filho de alemães e nosso anterior comandante geral das forças armadas nasceu no Brasil.

— Eu sei. O almirante Armin Zimmermann era primo de minha mãe!

O Professor continuava mudo de espanto, enquanto o trem parava e nós nos preparávamos para saltar.

— wiedersehen!

Maio de 1978, Stuttgart.

Enquanto caminhávamos a pequena distância da Hauptbahnhof até o Schlossgarten Hotel, comentávamos a inusitada conversa.

— Sujeito simpático!

— Parecia que ele tinha necessidade de contar a história para alguém.

— Viram o que é maré vermelha? O que aconteceu no Sul não poderia nunca ter sido isto. Imaginem, só um derramamento de algo violento como cianeto poderia matar animais daquele porte! Quando é que a imprensa vai dizer (ou poder dizer) a verdade?

Novembro de 1994, Rio de Janeiro

Escrevo esta curiosa história para que dela não se perca a memória. Ainda me lembro com carinho de Otto von Stauffenberg, visitante de estirpe ilustre, que teria

passado incógnito por Blumenau, fumando guimbas, alimentado por crianças e por mim confundido com o dono de um rинque de patinação.

Imaginação, brincadeira ou vingança do destino, ao fazer um nobre alemão percorrer mais de 2.000 quilômetros a pé e fumar Liberty Ovais?

É claro que do Professor de Oceanografia nunca mais soube.

Não guardei nem mesmo seu nome (será que perguntei?). Lembro-me de que falou de ter deixado uma filha radicada no Uruguai.

O que teria acontecido aos tripulantes dos navios ingleses que estiveram ao largo de Montevidéu naquele fim de 1939? Quantas outras histórias parecidas não terão sido perdidas? Terá tudo aquilo valido a pena?

Biografia do cidadão indaialense Fritz Müller

FRITZ MÜLLER nasceu no dia 28 de novembro de 1861, em Blumenau, como quinto filho do casal Friedrich Wilhelm AUGUST MÜLLER, natural de Windischholzhausen, Erfurt (Alemanha) e de sua esposa Friederike, nascida Hoffmann.

Seus pais, um mês após o casamento, emigraram em 17 de maio de 1852, em companhia do sábio naturalista Dr. FRITZ MÜLLER, irmão de seu pai August, a convite de Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, para a recém-fundada colônia no Vale do Itajaí-Açu.

Em 18 de junho de 1852, desembarcaram no porto de São Francisco, seguindo, depois até a desembocadura do rio Itajaí, e, subindo este rio, em canoas, até o local onde o Ribeirão Garcia tem a sua confluência com o Rio Itajaí.

Fixaram-se às margens do Ribeirão Garcia, onde construíram uma choupana, coberta com folhas de palmeira, e que lhes servia de moradia.

Como o caminho e as comunicações eram muito precárias, mu-

daram-se para a localidade de Belchior. No entanto, algum tempo depois, fixaram-se definitivamente na localidade que hoje é Badenfurt, margem direita do rio Itajaí-Açu. Esta localidade foi mais tarde denominada Salto Weissbach — Ribeirão Branco.

A antiga casa paterna de Fritz Müller foi demolida há alguns anos, perdendo-se, assim, mais um pouco da memória dos valorosos desbravadores e fundadores desta tão progressista região — Blumenau.

Nesta localidade cresceu Fritz Müller juntamente com seus oito irmãos, executando trabalhos da lavoura para o sustento diário da família.

Fritz Müller e seus irmãos receberam toda instrução, aprenderam a ler e escrever — sob a orientação de seu pai — August Müller. Por sinal — AUGUST MÜLLER FOI O PRIMEIRO PROFESSOR DA COLÔNIA DE BLUMENAU, atividade que exerceu, gratuitamente, durante dezenas de anos.

August Müller foi também sócio

fundador da Diretoria da «Associação das Ciências Legislativas» e traduziu, para o alemão, os tópicos mais importantes do Código Civil e do Código Penal Brasileiro do Império. Isto para que os colonos recém-imigrados, tomassem conhecimento das Leis da Nova Pátria — o Brasil — e pudessem viver de acordo com estas Leis. Proferiu muitas palestras para que todos tomassem conhecimento de seus direitos e deveres, esclarecendo para que ninguém pudesse alegar desconhecer as leis.

Fritz Müller, tornando-se moço, trabalhou nas plantações de café, nas colheitas, tanto na casa paterna como nas da vizinhança. Depois aprendeu o ofício da fabricação de charutos e cigarros, profissão que exerceu durante algum tempo. Inclusive esta profissão consta de sua certidão de casamento, realizado em 10 de julho de 1886, na Igreja Evangélica de Blumenau Centro. (Registro nº. 36, fls. 44, ano 1886).

Casou-se com ADELE STUTZER, nascida em 20 de Novembro de 1866, em Blumenau, filha do colono-agricultor OTTO STUTZER e de sua esposa Thereza, nascida Bichels e que, igualmente haviam emigrado e residiam também na mesma localidade, então Badenfurt margem direita do rio Itajaí-Açu.

O casal Fritz Müller passou a morar na localidade de Itoupava Seca — Altona — nas imediações onde fica hoje a Fábrica de Cristais Hering, à rua Bahia.

Fritz Müller passou a tomar ativa participação na vida da Comunidade, integrando-se nos seus problemas e participando na sua organização política e social, dando soluções aos problemas que iam surgindo.

Seguindo o exemplo de seu progenitor, passou a participar ativamente e com muita expressão na vida política da Colônia de Blumenau, tornando-se membro influente no partido político do Dr. Hercílio Luz, o partido republicano. Assim, exerceu, durante muitos anos um cargo político junto à Coletoria de Blumenau.

Após a virada do século, tendo sido nomeado escrivão e tabelião para a localidade de Indaial, distrito de Blumenau, transferiu sua residência para esta localidade. Inicialmente morou em casa alugada, vizinho de Max Haertel, um fabricante de vinagre. Depois adquiriu propriedades que se situavam na estrada que leva à Ponte de Arcos, construindo ali, uma bela residência, que se tornou cartão postal na época 1927-30.

Fritz Müller também era conhecido por Frederico Müller, talvez para evitar qualquer identidade com seu famoso tio, o naturalista, amigo de Darwin, Dr. Fritz Müller.

Assim Fritz Müller tornou-se mais conhecido por Frederico Müller, o escrivão e tabelião de Indaial, cargo que exerceu até poucos meses que precediam a sua morte e, cargo este que transmitiu ao seu sobrinho — Germano Brandes — e que continua sendo exercido pelos descendentes destes, mantendo tradição familiar.

Fritz ou melhor, Frederico Müller participou sempre ativamente da vida da Comunidade Indaialense, seja como político, no judiciário e, principalmente, na vida social, recreativa e religiosa da atual cidade de Indaial. Tomava parte em todas as festividades: como Festas de Rei de Tiro ao Alvo, de Ginástica, de Corais e, na Comunidade da Igreja Evangélica.

Na política foi amigo pessoal

e, pessoa de confiança de Dr. Her-
cílio Luz, do Dr. Adolpho Konder,
do Dr. Lauro Müller, do Dr. Ama-
deu Felipe da Luz e que, recebia
em sua residência, onde também
se efetuavam as reuniões e eram
tomadas decisões importantes na
vida política e social da cidade.

Fritz ou Frederico Müller fale-
ceu em 24 de março 1928 em Inda-

ial, em consequência de acidente;
insumado no Cemitério Evangélico
de Blumenau. Todos os seus sete
filhos já são falecidos, vivendo
apenas um genro — Frederico Ki-
lian, muitos netos e demais descen-
dentes.

ORLA KADLETZ

Neta de Fritz Müller

Aconteceu... há 50 anos passados

[Notícias compiladas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980]

José Gonçalves

— DIA 20/02/1945 — Foi divulgada tabela de vencimentos dos oficiais da Polí-
cia do Estado, elevados pelo interventor Nereu Ramos e que ficou assim: Tte. Coro-
nel, Cr\$ 2.100,00; Major, Cr\$ 1.600,00; Capitão, Cr\$ 1.400,00; 1º. Tte. Cr\$ 1.200,00;
2º. Tte. Cr\$ 1.000,00.

— DIA 24/02/1945 — É destaque no noticiário, a conquista, pelos soldados bra-
sileiros da FEB (Força Expedicionária Brasileira), da famosa fortaleza de Monte Cas-
telo, na Itália, guarnecida por tropas alemãs, e ocorrida no dia 22/02/1945.

— DIA 27/02/1945 — O jornal destaca, sobre a guerra: — "Berlim sofre devas-
tador ataque aéreo por 1.200 Fortalezas Voadoras (aviões quadrimotores) e 700 aviões
caças". — "Os russos entraram em Stalina, na Checoslováquia". — "As tropas aliadas
chegaram a 16 quilômetros da cidade de Colônia, na Alemanha".

— DIA 25/02/1945 — Ao vencer a equipe do Marcilio Dias por 5 a 3, o Avaf
sagrou-se campeão estadual de 1944.

— DIA 28/02/1945 — Neste dia, o IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões
dos Comerciantes), seção de Blumenau, firmou a primeira escritura de casa própria do
primeiro segurado contemplado com o financiamento no Estado e residente em Blume-
nau, sr. Antonio Abraham Abdu. — O jornal critica o excessivo uso de vales, utiliza-
dos como troco de dinheiro em Blumenau. — Destaca o lançamento da candidatura
do Brigadeiro Eduardo Gomes (que mais tarde foi patrono da aviação brasileira), às
eleições presidenciais para substituir o então ditador Getúlio Vargas.

— DIA 1º./03/1945 — Neste dia a imprensa divulgou e deu destaque à aprova-
ção da Lei Constitucional que abriu as portas para as próximas eleições, após quase
quinze anos de ditadura.

— DIA 10/03/1945 — Foi realizada concorrida festa de cumieira do edifício em
construção da Mútua Catarinense de Seguros, localizado na esquina da rua 15 de
Novembro com a rua Mal. Floriano Peixoto (prédio ocupado atualmente em parte do
terreno pelas Lojas Koehrich).

HERCÍLIO GONÇALVES (DICO) NOS CINQUENTA ANOS DE HISTÓRIA DA F. E. B.

Neste mês de fevereiro de 1995, precisamente no dia 22, são decorridos 50 anos daquele dia em que a bandeira brasileira tremulou vitoriosa no mastro fincado no cume da fortaleza guarnecida pelas forças do exército alemão, do conhecido Monte Castelo, na Itália.

As gerações de brasileiros de hoje, ou seja, aqueles nascidos após este fato histórico, precisam ligar-se um pouco ao exemplo daqueles jovens soldados, tanto os que sobreviveram, como os outros 453 que sacrificaram suas vidas em prol do ideal de servir à pátria, completando, com Hercílio Gonçalves, o DICO, o número 454.

Hercílio Gonçalves, apelidado na família por DICO, nasceu no sertão de Ilse, próximo aonde também nasceu o autor destas linhas, no dia 21 de julho de 1921. Aos 18 anos, foi convocado para servir ao exército, incorporando-se à unidade do então 13º. Batalhão de Caçadores, de Joinville. Lá encontrou-se com um seu antigo companheiro de bancos escolares, o José da Silva, apelidado na família por ZÉCA, nascido na localidade de Diamante, a poucos quilômetros do Ilse.

Zéca tinha o salutar hábito de registrar todos os seus movimentos, no serviço militar, em um pequeno diário. E o fez até o fim da guerra, razão pela qual nos proporcionou material farto para historiar a campanha da Itália pelas forças brasileiras, registradas em nosso livro

publicado pela Livraria Lunardelli, em 1978, intitulado DICO, O SERTANEJO HERÓI.

Em sua família, Dico, desde os seus dez anos de idade, tornou-se um verdadeiro líder entre seus familiares. Por ser muito estudioso, adquiriu boa formação de escolaridade e cultura generalizada, revelando desde pequeno, sua tendência para defender os animais silvestres, as aves, as florestas, enfim, toda a natureza, contra os predadores. Era um ecologista nato.

Ao ingressar no exército, Dico levou consigo todas as suas excelentes qualidades de fraternidade, liderança, franqueza e companheirismo. Por isso, tornou-se popular e muito benquisto entre seus companheiros de armas. No diário de Zéca, encontramos as seguintes referências sobre DICO, o soldado Hercílio Gonçalves: — «DICO, conhecido entre os companheiros que formaram a FEB por «Néca», foi sempre um companheiro fiel, leal e otimista, amistoso e, acima de tudo, honesto. Seu espírito de solidariedade para com todos, impressionava. Nunca se ouviu dele qualquer queixa, acontecesse o que fosse. Ele era o primeiro a despertar e deixar o leito ao amanhecer. Dizia ser costume lá no sertão levantar cedo e ele não queria perder aquele hábito. Assim, tão logo acordava, dirigia-se à cantina para ajudar os companheiros cozinheiros na preparação do almoço. E ainda ajudava a servir, sem que

esta atividade lhe fosse imposta. Era um rapaz que conquistava facilmente a amizade de todos, pelas qualidades que o exornavam. Mas, acima de tudo, era admirado pela coragem, decisão de seus atos, destreza de seus treinamentos. Em todos os exercícios praticados antes de embarcar para a Europa, DICO sempre sobressaiu-se como um dos mais eficientes. De físico invejável, elástico, possuía grande resistência, nunca mostrando cansaço após os exercícios, por mais pesados e difíceis que fossem. Seu sorriso era aberto e franco, ao conversar com os companheiros. Jamais o vi resmungar ou contradizer com veemência ou rancor a um companheiro ou superior. Às vezes eu o apanhava taciturno, pensativo, e via, de relance lágrimas em seus olhos, ocasião em que tratava de disfarçar, sorrindo como se nada houvesse de anormal. Mas eu sabia que era seu coração que chorava de saudades daquelas duas criaturas que tanto amava, além de seus demais irmãos e que as deixara um pouco desamparadas lá no sertão: sua mãe Dóca, paraplégica numa cadeira de rodas e seu irmão Pedrinho, acometido de meningite nos primeiros seis meses de vida e tornara-se uma figura inerte, crescendo normalmente mas com o cérebro paralisado. Não deixava, porém, que qualquer companheiro compartilhasse de sua tristeza. Nem mesmo eu, que era como que sua sombra. Era seu confidente, mas nos momentos de recolhimento e de lágrimas ele queria estar sempre sozinho»...

Em outubro de 1944, quando o soldado Hercílio Gonçalves (DICO) estava prestes a embarcar com seus demais companheiros para a Itália, ele endereçou-me uma carta, na qual anexava uma foto sua tira-

da num atelier lá no Rio de Janeiro. Eu, além de ter convivido com Dico na nossa infância, era seu primo em segundo grau. Na carta, Dico dizia, além de outras coisas, que a foto serviria para confirmar que ele hoje era, realmente, um soldado do Brasil, com o orgulho natural de sê-lo, porque, assim como ele, o seu companheiro José da Silva e os demais componentes do segundo escalão da FEB, foram considerados aptos para defender as tradições históricas do passado, nos campos de batalha da Itália. Mais adiante, DICO diz textualmente o seguinte: «Meu caro Zezinho (é meu apelido de família): — «Sei que não será fácil regressar vivo de uma guerra tão cruel, na qual as armas mais modernas estão sendo usadas. Se nós vamos usar essas armas o inimigo também as usará. Por isso já tomei as providências — fiz um testamento — para que mamãe, papai e Pedrinho fiquem amparados pelo Exército Brasileiro se eu ficar sepultado lá nos campos de batalha. Não me faltarão coragem e disposição para lutar, embora nunca tenha sido do meu feitio, como sabes, fazer mal a alguém. Sei que terei que matar rapazes de minha idade, considerados nossos inimigos, mas que eu nem os conheço e não sinto por eles nenhum ódio. É triste pensar assim, mas o que fazer? Afinal não fomos nós, brasileiros, que provocamos a guerra que eles trouxeram para as costas brasileiras! Por isso, os soldados que vamos combater, talvez pensem assim como eu: terão que atirar para matar gente que eles não conhecem e que nunca lhes havia feito algum mal. A gente começa a pensar assim e acaba aturdido com tudo isso. Mas sempre surge à nossa mente a razão fundamental: Se não lutarmos,

não atirmos, se não matarmos ou aprisionarmos o inimigo, ele nos matará. Por isso, é preciso lutar e aniquilar o inimigo, impedindo que atravesse o Oceano e venha lutar aqui no nosso solo pátrio em busca do domínio, pondo em perigo a segurança de nossos entes queridos. Vamos lutar com a coragem e a valentia que sempre foi apanágio do soldado brasileiro através da nossa história pátria. E fazer muito esforço para que a guerra termine o mais cedo possível. Quanto mais cedo terminar, menos soldados morrerão, tanto de um lado como do outro. A Bandeira imaculada de nossa Pátria, que os heróis do passado nos transferiram, haveremos de legá-la aos nossos herdeiros, às gerações futuras. Guarde com orgulho esta minha fotografia, que é a imagem do soldado brasileiro que vai para a guerra, levando no coração todo este imenso Brasil, além de muito amor e muita saudade dos amigos e dos entes queridos que aqui ficam a rezar pela nossa felicidade. Estou escrevendo também para os meus pais, enviando-lhes a mesma foto. Que Deus te proteja, bem como à tua mãe e a tua jovem esposa Helena. Um grande e saudoso abraço do DICO». —

Já na Itália, depois de uma travessia oceânica sem incidente, o segundo escalão da FEB desembarcou em Nápoles e seguiu para as posições a ele destinadas, nas proximidades da então famosa fortificação conhecida por Monte Castelo. Depois de pequenas escaramuças com patrulhas inimigas, os soldados daquele escalão brasileiro iriam fazer a primeira tentativa de assalto a Monte Castelo. E é Zéca quem diz textualmente em seu diário, narrando o que acontecia com a tropa, momentos antes

da grande investida: — «O dia 28 de novembro de 1944 amanheceu nublado. Era um dia cinzento, anunciando que o inverno se fazia presente e que a neve não tardaria a cair com intensidade.

Nesse dia, toda a tropa movimentou-se. Depois de ultrapassar a localidade de Cila, os soldados foram acampando ao cair da tarde, ao pé da serra, ponto inicial do avanço de combate em direção ao cume do morro conhecido por Monte Castelo. Estávamos acampados numa espécie de garganta, protegidos da visibilidade do inimigo. Lá permanecemos à noite. O frio era intenso e tudo indicava que no dia seguinte começaria a nevar. Todos, felizmente, estávamos bem agasalhados, com roupas quentes e confortáveis. À meia noite, partimos para a tomada de posições de combate. Pouco antes das cinco horas, tudo estava preparado. A maioria dos soldados estavam um pouco assustados. Era o nosso verdadeiro batismo de fogo, pois sabíamos que iríamos enfrentar um poderoso fogo de defesa do inimigo. Por isso, nem conseguíamos segurar o fuzil com serenidade e tranquilidade. Não tenho nenhum acanhamento em dizer que senti medo, assim como vi os companheiros na mesma situação. Só um dos companheiros não tremia. Era o DICO, também chamado de Néca. Ele não parava um instante, movimentando-se de um lado para outro, conversando e brincando com os companheiros, dizendo coisas que faziam a gente sentir-se um pouco aliviado. Lembro-me bem que, pouco antes de iniciarmos o avanço, Dico disse, rindo, para o grupo que ele e eu fazíamos parte: Vocês não precisam preocupar-se tanto com o que vai acontecer. Isto aqui não vai ser

tão difícil como parece. Muito mais difícil do que isto que vamos fazer é enfrentar uma «vara-de-porco» do mato na serra do Ilse. Lá é que as coisas ficam pretas. O porco do mato é muito mais perigoso do que aqueles coitados que estão lá em cima do morro sentindo mais frio do que nós aqui em baixo. E não tenham dúvidas: eles estão com muito mais medo do que vocês... Ele ia falando e sorrindo. E não parou de falar até a hora do início do combate. Quando tudo começou, nós já estávamos bem mais calmos e otimistas.» —

Sabe-se que este ataque em grande escala, feito pelas tropas brasileiras a Monte Castelo, foi muito penoso, já porque, após o meio dia, caiu muita neve e o inimigo contra-atacou, impedindo o avanço que já se achava além da metade da montanha. O comando da tropa então ordenou a descida para posição mais segura. Lá em cima, ficaram mortos e alguns gravemente feridos que não puderam ser retirados.

As tropas brasileiras continuaram forçando aquela trincheira inimiga ao longo dos meses de dezembro e janeiro. Naquele primeiro ataque, depois do recuo, em 29 de novembro, DICO foi um dos gravemente feridos por estilhaços de morteiro. Caiu e desmaiou. Como o ataque continuasse por horas, ao recuo da tropa, o serviço de enfermagem foi recolhendo os ligeiramente feridos e deixando os mortos para serem recolhidos mais tarde. Entre eles, estava DICO que, ferido na altura da clavícula direita, desmaiou e perdeu muito sangue, ficando sepultado na neve juntamente com alguns outros companheiros.

O diário do Zéca — diz o seguinte sobre o que aconteceu na-

quele dia 29 de novembro: «Em 22 de fevereiro, quando finalmente tomamos Monte Castelo, depois de outras tentativas, as nossas patrulhas de resgate, com o maior cuidado, conseguiram recolher os mortos do dia 29 de novembro, constatando que quase todos os corpos congelados estavam minados com artefatos explosivos, os quais foram desarmados por especialistas. Entre os corpos, estava o de DICO, congelado. A sua fisionomia era serena, o que indica que nada sofrera com a morte, já que, ao ser atingido, perdera os sentidos e, neste estado, falecera com a perda abundante de sangue. Todos os mortos foram sepultados no Cemitério Brasileiro de Pistóia, com as devidas honras militares.»

Juntamente com outros companheiros que tombaram naquele dia 29 de novembro de 1944, Dico foi condecorado post-mortem, com as medalhas de Campanha e Cruz de Combate.

Depois da conquista de Monte Castelo, as tropas brasileiras conquistaram outras importantes posições inimigas e foram fazendo muitos prisioneiros num total de 20.573, até chegarem às proximidades de Alessandra, perto de Gênova.

A luta estava no fim, o inimigo em fuga.

Foi pensando na melhor maneira de resgatar a memória do feito brilhante das armas e do soldado brasileiro na segunda guerra mundial, que o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, seu comandante chefe, propôs ao Presidente Juscelino Kubitcheck de Oliveira, a construção de um mausoléu no Rio de Janeiro, para lá depositar os restos mortais dos combatentes brasileiros mortos em consequência da mesma guerra.

O Presidente recebeu a suges-

tão com simpatia, encaminhou projeto de lei ao Congresso que aprovou a construção, cujo projeto, elaborado pelos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto, teve suas obras de construção iniciadas em 24 de junho de 1957 e concluídas em 24 de junho de 1960. O monumento acha-se situado no prolongamento do eixo da Avenida Rio Branco, numa área de dez mil metros quadrados, com seis mil, oitocentos e vinte e cinco metros quadrados de construção. Concluído o monumento, foi constituída uma comissão especial de altas autoridades das três armas para providenciar a remoção dos restos mortais dos combatentes mortos e sepultados em Pistóia.

No dia 5 de agosto de 1960, com a presença de altas autoridades do país, foi inaugurada a monumental obra. Uma obra que deve, na medida do possível, ser visitada por todos os brasileiros sempre que visitem o Rio de Janeiro. Em lá chegando, todos concluirão da justeza da iniciativa de Mascarenhas de Moraes e do quanto oportuna é a homenagem que ali se presta perenemente à memória dos heróis combatentes que deram a vida em defesa da soberania nacional. Junto do monumento está, também, o Túmulo do Soldado Desconhecido, o qual glorifica não só o sacrifício dos soldados mortos na Segunda Guerra Mundial, mas também a vida e dedicação de todos aqueles que tombaram nas diversas épocas em conflitos pela defesa da soberania da nação brasileira. Na construção do Mausoléu, foram dispendidos Cr\$ 115.000.000,00.

O repatriamento dos restos mortais dos sepultados em Pistóia, ocorreu no dia 22 de dezembro de 1960, em memorável solenidade.

O túmulo do Soldado Desconhecido está situado entre as pilstras do Pórtico Monumental e também simboliza a comunhão entre o passado e o presente, representando o reconhecimento ao herói anônimo que caiu e ainda haverá de cair pela segurança da Pátria.

O grupo de estátuas que existe sobre a plataforma, representando um soldado, um marinheiro e um aviador, é em homenagem às três Forças Armadas e é esculpido em granito, de Petrópolis, trabalho executado pelo escultor Alfredo Ceschiatti.

No sopé do painel existente no Monumento, estão gravados os nomes das belonaves brasileiras afundadas, ou que tiveram mortos a bordo, como o Cruzador «Bahia», Corveta «Camaquã», submarino «Timbira», navio-abastecedor «Vital de Oliveira», Caça-submarino «Javari», caça-submarino «Guaporé», contra-torpedeiro «Marcílio Dias» e a seguinte frase: — «Nestes navios da Marinha de Guerra, pereceram os nossos marinheiros em defesa do Brasil e pela liberdade do mundo».

Ao pé do outro painel, estão gravados os nomes dos 31 outros navios afundados por torpedeamento, nos quais muitas vidas foram perdidas, tendo havido inúmeros desaparecimentos. Após a relação dos nomes dos navios, aparece a seguinte frase: «Navios da Marinha Mercante, a serviço da unidade nacional, cujas tripulações e passageiros morreram estoicamente, vítimas da ação dos submarinos inimigos».

Segundo as estatísticas divulgadas, mais tarde, nesses navios, transportando passageiros, soldados e cargas, morreram 470 marinheiros, 176 soldados e 502 passageiros.

Descendo os vinte degraus que levam ao sub-solo em que se encontra o Mausoléu e no qual estão os restos mortais de 4 marinheiros, 8 aviadores e 454 soldados, encontra-se primeiramente a lista dos nomes dos soldados e marinheiros, tanto da Marinha de Guerra quanto da Mercante, mortos no mar, durante a segunda guerra, num total de 1.121. Mais à frente, lê-se numa placa esta inscrição: «Aos heróicos pracinhas, tombados nos campos de batalha, as saudades eternas dos seus companheiros da Associação dos Veteranos da FEB, no ano de Jubileu de Prata da vitória aliada — maio de 1970».

José da Silva (Zéca), retornou do palco da guerra sem ferimentos. Casou logo após, criou filhos e deu-lhes bons exemplos e ampla educação e escolaridade. Quase todos são formados em Universidade. Acometido de um mal súbito, faleceu em 28.02.1978 em Trombudo Central, onde residia e era muito estimado pela população daquele município.

O Município de Indaial, ao qual a localidade de Ilse pertence, não esqueceu seu herói. Poucos anos depois do término da guerra, a Câmara de Vereadores do município decretou e o prefeito sancionou uma lei que deu a uma das principais ruas da cidade o nome do municípe Soldado Hercílio Gonçalves (Dico), morto em combate,

herói que a pátria agradecida guarda na memória.

Para chegar-se ao túmulo do soldado Hercílio Gonçalves, no Mausoléu do Rio de Janeiro, desce-se os vinte degraus, chegando ao sub-solo. Dobra-se à esquerda e vai-se caminhando em direção do jazigo. O jazigo está dividido em grupos, cada um com duas filas, de urnas mortuárias. Passa-se pelo primeiro, pelo segundo, e aproxima-se do terceiro grupo. Dobra-se à direita e entra-se no corredor deste grupo acompanhando a sexta fila. Cada fila contém 24 túmulos. No de nº 22, lê-se «Aqui jaz o soldado Hercílio Gonçalves. Nasceu em 21 de julho de 1921. Morto em combate na batalha de Monte Castelo, Itália, no dia 29 de novembro de 1944. — Agraciado com Medalhas de Campanha e Cruz de Combate».

Com estas memórias em que procuramos resgatar um pouco da história da Força Expedicionária Brasileira há 50 anos passados, queremos homenagear com um preito de saudade, na figura de Hercílio Gonçalves, os demais heróis tombados em defesa da pátria, assim como aqueles que tiveram a felicidade de regressar ao Brasil depois de cumprir seu dever nas várias frentes da Segunda Guerra Mundial iniciada em 1939 e terminada em 1945.

José Gonçalves

ACONTECEU...

DEZEMBRO DE 1994

— DIA 1º. — No noticiário da imprensa, o comércio em geral registra um crescimento no número de maus pagadores. O registro do SPC é de 8,44%

— DIA 02 — A imprensa informa (JSC) de que, de acordo com informações prestadas pelo médico infectologista Amauri Mielle Filho, ocorrem o surgimento de dois casos de AIDS por semana em Blumenau, o que é considerado número alarmante.

*** Por falta de manutenção, o aeroporto de Lontras foi bloqueado ao pouso de aeronaves. *** Os deficientes físicos de Blumenau comemoraram o Dia do Deficiente com uma grande concentração na Praça Dr. Blumenau, com várias atrações, entre outras cantos e preleções oportunas.

— DIA 03 — A Escola Superior de Música de Blumenau apresentou, a partir das 20 horas, no Teatro Carlos Gomes, um recital da disciplina de piano, com participação do Trio Vocal Liberdade, de São Paulo, formado por Denise Dormas Rocha, Ednalva Silva e Edilene Witwer.

— DIA 4 — Moradores da rua República Argentina, localizados após a ponte dos arcos e a outra no anel viário norte, queixam-se do perigo que enfrentam com a alta velocidade desenvolvida pelos carros que trafegam naquela rodovia e pedem providências às autoridades. *** A notícia de destaque é a de que o Hospital Santa Catarina instalou em seus laboratórios, um novo e moderno sistema de tratamento a LASER para patologias prostáticas e urológicas em geral.

— DIA 7 — O município de Barra Velha, com seu frequentadíssimo balneário, desenvolveu um vasto programa de comemorações, neste dia, para assinalar com festas a passagem de seus 33 anos de emancipação política. *** No Bar Kriado, o compositor, ator e poeta Beto Terra, natural de Florianópolis, apresentou aplaudido recital a partir das 22:30 horas. *** No BISTRÔ 69 de Horácio Braun, o publicitário, cartunista e aplaudido artista plástico Cao Hering lançou seu livro "Haicaos", em noite muito concorrida. *** Já na Praça do Relógio do Shopping, o artista plástico Reynaldo Pfau expôs sua arte denominada "Tempo Azul, Vão Azul", reunindo cerca de 20 trabalhos inclusive surrealistas. *** A TELESC lançou ontem um novo serviço de transmissão de dados comerciais — o TRANSPAC.

— DIA 08 — O Quarteto Modulus apresentou-se no palco do Teatro Carlos Gomes, com um aplaudido concerto patrocinado pela TELESC. O grupo é formado por Paulo Cesar Charles, Luiz Pedro Krul (flautas), Eleonora Bogado (piano) e Denise Juvenal (violoncelo). Eles apresentaram músicas de Brahms, Purcell e Haydn. *** O poeta Lindolf Bell lançou o Calendário Poético 95. O Calendário traz mensagens sobre temas básicos da humanidade, como liberdade, amor e arte.

— DIA 09 — A imprensa agita-se com diversos casos de intoxicação alimentar ocorridos em Blumenau. Segundo se informa, a intoxicação é causada por bactéria encontrada no ovo cru, denominada "salmonela". *** Nas Lojas Hering foram feitas muitas modificações, reabrindo, neste dia com outra fisionomia e denominando-se de Centro Comercial Lojas Hering. *** Repercutiu no mundo todo a notícia trazida neste dia pela imprensa em geral, do falecimento, no dia anterior (08/12), do aplaudido compositor cognominado de "maestro soberano", Tom Jobim. Jobim faleceu em Nova York, onde foi submetido a uma cirurgia e sofreu colapso cardíaco. *** Foram iniciados os serviços de desassoreamento do ribeirão da Velha.

— DIA 10 — A imprensa (JSC) denuncia a destruição da mata nos fundos do Garcia, com o depósito de lixo clandestino, feito até com caminhões. *** Foram iniciados os serviços de restauração da ponte dos arcos, situada nas proximidades da Sul Fabril e que permite um importante meio de escoamento do trânsito de automóveis, ligando a rua República Argentina à rua Itajai. *** Na PROEB foi aberta a

Segunda Feira de Natal, localizada no Pavilhão "A". *** No Centro Cultural 25 de Julho, aconteceu o Grande Concerto de Natal, contando com os corais Liederkrantz, de vozes masculinas e o Misto, ambos do 25 de Julho e o Scala, de São Paulo.

— DIA 13 — No pequeno auditório do Teatro Carlos Gomes, 150 alunos do Instituto Cultural Brasil-Alemanha apresentaram-se com cantos, atuações, e recitais de poesias, com agrado geral. *** A imprensa divulga relatório das autoridades do trânsito, no qual assinala-se a morte de 11 pessoas com 84 feridos como resultado das correrias do último fim de semana nas rodovias catarinenses. *** Justamente quando os termômetros acusavam 42 graus de calor, Blumenau ficou sem água em face de problemas em duas estações de tratamento de água do SAMAE: a ETA 2, na rua Bahía e a ETA 1, na rua Lages. *** Um abaixo assinado de mais de 3 mil pessoas, ligadas a hotéis, bares e similares, foi apresentado às autoridades policiais, pedindo que seja priorizado o serviço de segurança pública na região central da cidade. *** A imprensa denuncia o aumento do número de arrombamentos de casas e apartamentos nesta entrada do verão, nas várias regiões de Blumenau.

— DIA 14 — Neste dia, a população de Piçarras festejou a passagem dos 31 anos de instalação do município. *** No Parthenon The Town House, aconteceu um leilão de Natal, cujo acervo leiloado relaciona uma série exclusiva de tapetes orientais (persas, paquistaneses e chineses), além de peças de mobiliários (espelhos e castiçais), quadros e outros artigos de decoração. O acontecimento foi muito concorrido. *** No salão nobre do Clube Ipiranga, aconteceu o lançamento da quarta edição do livro "A Poesia e o Operário". *** Nesta noite, foi aberta oficialmente a festa de natal em Blumenau, com um grande e concorrido desfile de Papai Noel pela rua 15 de Novembro, seguido e aplaudido por milhares de pessoas, na maioria crianças. Um espetáculo inesquecível para todos.

— DIA 15 — A Orquestra de Câmara de Blumenau apresentou grande concerto em homenagem às empresas e pessoas que participam do Projeto Adote Um Músico. Foram executadas peças de Handel, Mahle, Piazzolla e Copland. *** Às 20:30 horas, na Galeria Municipal de Artes, aconteceu a abertura da exposição da mostra "Acadêmicos e Impressionistas", reunindo 14 artistas do Vale do Itajaí, numa promoção da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o Departamento Municipal de Cultura.

— DIA 17 — Com a presença do Ministro da Educação Murilo Hingel, foi inaugurado festivamente o Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), de Itoupava Central, cujo acontecimento mobilizou grande número de moradores da região e que tornou o acontecimento um fato de suma importância, como realmente o é.

— DIA 20 — A imprensa (JSC) destaca que, depois de quebrar doze capelas mortuárias e oito túmulos, o vândalo Darci Farias, de 20 anos foi preso e conduzido à delegacia de Ascurra. Todavia, a revolta da população que o queria linchar, fez com que o delegado informasse que o depredador havia sido transferido para a cadeia de Indaial. *** Em Brusque, Victor Fischer, depois de atirar duas vezes contra sua filha de apenas 16 anos, suicidou-se com um tiro na cabeça. *** No hall do Viena Park Hotel, foi aberta a exposição de trabalhos do artista Bodo Ventur, entre eles 14 óleos sobre tela, óleos sobre madeira e crayons sobre papel, além de retratos de rostos famosos. *** Nas praias do litoral catarinense, já foram retirados até esta

data, toneladas de bagres mortos por vírus que até então não foi identificado. *** Foi inaugurada, por diretores da CELESC, na Subestação do Salto, importante ampliação da capacidade energética que permite a expansão do sistema elétrico de Blumenau, aumentando em 30%. Isto aconteceu justamente quando a usina do Salto completava 80 anos de bons serviços prestados à região do Vale do Itajaí.

— DIA 27 — As barraquinhas do Camelódromo da rua 7 de Setembro, iniciaram seus desmontes para se transferirem, parte para prédio construído na rua Nereu Ramos e outra parte para a rua Paulo Zimmermann. *** Foi retirada a ponte metálica militar que vinha servindo sobre o ribeirão Garcia, para que a prefeitura construísse uma ponte definitiva no mesmo local. *** O município de Saleté comemorou seus 33 anos de emancipação política.

— DIA 30 — Com a presença do governador Antonio Carlos Konder Reis e outras autoridades dos dois municípios beneficiados, foi procedida à solenidade, às 20 horas, da inauguração da Rodovia Osvaldo Reis, agora duplicada, que liga os municípios de Itajaí e Camboriú, numa extensão de quatro quilômetros e meio. Na mesma data, o governador também inaugurou a rodovia SC-114, ligando a BR-101 aos municípios de Penha e Piçarras. *** Com a calorosa recepção feita aos turistas que viajavam em transatlântico, aportaram em Itajaí e visitaram Blumenau, a cidade passou a fazer parte do roteiro dos transatlânticos. Os primeiros turistas que chegaram a Blumenau, foram recepcionados com bandinhas e muito chopp. Eles vieram, em número de 200, conhecer e rever Blumenau e são procedentes de vários Estados brasileiros e alguns da Argentina.

GENEALOGIA das famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges

Antepassados de Pedro Ernesto da Silva, autor desta pesquisa.

As nossas raízes provêm dos fundadores da 1ª. Colônia Alemã de Santa Catarina — São Pedro de Alcântara — Spa, em 1829. **(Continuação).**

Cap. IV, dos Schmidt.

João Pedro Schmidt, nosso Patriarca, por parte de nossa avó materna, n. a 08.09.1791, em Brohl, Alemanha e +, mais ou menos no começo de 1837, quando fazia a travessia, numa lancha, do Estreito para Desterro. Iam à uma festa de N. Senhora, com mais 7 ou 8 pessoas.

João Pedro Schmidt era f. Henrique Schmidt, II, n. a 13.04.1754, em Brohl — Alemanha.

Em 25.02.1781, Forst, cc Catarina Kirst, que n. a 11.05.1759, Lütz.

F. Johann Peter Kirst, II, n. a 02.09.1730, em Lütz, + a 09.01.1791, em Lütz.

Em 21.06.1752, Lütz, cc Catarina Birkenheyer, n. a 25.03.1731, em Lütz, + a 27.06.1789, em Lütz.

F. Simon Birkenheyer, cc Maria Catarina — n/p Johann Peter Kirst, I, n. a 07.06.1690.

Em 1732 — cc Gertrud, + a 19.04.1752, em Lütz — b/p Michael Kirst, n.

m/m a 1665 — cc Clara... n/p. Henrique Schmidt, I, n. a 26.06.1718, em Brohl — Alemanha, + a 26.04.1775, em Brohl.

Em 09.02.1751, Forst — cc Maria Madalena Münch, n. a 07.04.1730, em Brohl — f. Peter Münch, n. 21.02.1700, em Molzig.

Em 05.07.1729, Forst — cc Maria Catarina Frissenhan, n. Greenderig — n/p Jacob Münch, Molzig, cc Margareth... — b/p — Gehard Schmidt, n. m/m a 1670, em Brohl, + a 03.04.1742, Forst.

Em 15.09.1711, Forst — cc Elisabeth Ternus (VVa) (Peter Ternus), + a 31.08.1750 — t/p. Peter Schmidt, n. m/m 1645, em Binningen — Alemanha.

Em 01.12.1814, João Pedro Schmidt cc Maria Madalena Wirschem, n. 1792, em Moselkern.

Ela ainda vivia depois de julho de 1858, cf. escreve o cientista e médico alemão Robert B. C. Avé-Lallemant:

"Estive também na casa da velha mãe Madalena, embora apenas pudesse levantar-se da cama, estava alegre e satisfeita. Mora com a filha mais moça, isto em julho de 1858 (Casa dos Jasmins, de Frei Elzeário Schmidt, pág. 54 e Fruto da Imigração, de Pe. Raulino Reitz (PR Reitz), pág. 28.

O Casamento

Nº. 191 — Johann Peter Schmidt e Maria Madalena Wirschem.

Motivo casamento. No ano de 1814, no mês de dezembro, às oito horas e catorze minutos, apresentaram-se de Gersienuya, Zenon e Nietzen, a senhora Moenschenfort e Johann Peter Schmidt, ele nascido em Brohl, trabalhando no Riesenhof, próximo a Aschosee, atualmente em Lüzwig. Com sua irmã e o solteiro, filho de criação de Franz Josef Schmitt, de Triersfeld e sua esposa Malwine, nata Dewick, fixados em Brohl. O mesmo jovem manifestou o desejo de casar-se com a donzela Maria Madalena Wirschem, nascida e residente com o Moselbauer. Não tem irmãos. Com vinte anos de idade, atualmente em Moselkranz, próximo à Província de Grossreich, ambos desimpedidos manifestaram o desejo de contrair matrimônio.

No verso da fotocópia do termo 191, em alemão, consta: Photocopie aus den amtlichen registern des Bürgermeisteramtes Treis karden. Treis karden, den 6 november 1973 — (Tradução de Edith Sophie Eimer, Bl. 24.01.1990).

João Pedro Schmidt, em Brohl, até 1828, com sua mulher Maria Madalena Wirschem tiveram 6 filhos:

- 1 — João Adão, n. 31.12.1814;
- 2 — Nicolau, n. 1815;
- 3 — Luisa, n. 1820;
- 4 — João, n. 1821;
- 5 — Catarina n. 1823 e
- 6 — Margarida, n. 1827.

João Pedro Schmidt, em 1828 emigrou da Alemanha para o Brasil, com a família que tivera em Brohl, embarcando, em Bremen, ao norte, a bordo do veleiro alemão Joana Jacobs, levando quase cinco meses, na viagem, de junho a outubro, para chegar ao Rio de Janeiro, onde a 28.10.1828, embarcaram no Bergantim "Marquês de Viana", chegando ao Desterro a 12.11.1828.

Era 15.06.1829, segunda-feira. Não ficou registrado se o dia era de sol, se era de chuva, se de geada ou vento sul.

Em transporte rudimentar, nesse dia subiu de São José para a Imperial Colônia de São Pedro de Alcântara, um lavrador alemão de 39 anos, chamado João Pedro

Schmidt, com sua esposa Maria Madalena Wirschem, de 38 anos e seis filhos menores.

Eram passados sete longos meses de angústia e espera no Desterro, depois da longa travessia do Atlântico, assustada e enervante.

Mas restavam ainda todas as esperanças grandes.

Assim naquela 2^a. feira, João Pedro Schmidt chegou a seu destino, como Abraão, quando Deus o mandou para Canaã.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. João Pedro desceu do carro de boi, sua mulher e as crianças e as trouxas. Ali, na mata, caminho do sertão e que conduzia a Lages, ia o jovem pai de família colocar o berço de uma descendência muito numerosa e bendita de Deus. (Casa dos Jasmins, de Frei Elzeário Schmitt), pág. 50.

Assim tomou posse da data que lhe tinha sido reservada, no Salto, onde hoje existe a Indústria Kremer, de madeiras.

E foi abençoada! O casal teve mais 2 filhos.

Filisbina, n. em fevereiro de 1831 e Pedro, a 25.03.1833.

Com a morte de João Pedro, por volta de 1837, sua viúva Maria Madalena Wirschem contraiu núpcias com Pedro Arenz, tendo uma filha, que foi batizada com o nome de Maria Ana Arenz, n. a 28.04.1838, daí, termos afirmado que a morte de João Pedro Schmidt ocorreu por volta de 1837.

I Ramo da família Schmidt —

João Adão Schmidt, n. a 31.12.1814, em Brohl, e + em Spa a 06.05.1885, (54-23), fl. 35, T 21 — L. Óbitos 1850 a 1888, c/70 a., sepultado em Spa — f. João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792. Casa-se em Spa — cc Ana Maria Bins, n. 1817, na Alemanha e + a 12.10.1886 e sepultada em Spa, cf. fl. 38, T33, (54-24) — L. O. de 1850 a 1888, c/ 68 a. — f. Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — n/p Miguel Bins e Maria Catarina Mintin, todos alemães.

Teve 9 filhos :

- 1 — Nicolau Adão, n. 1838;
- 2 — João Adão;
- 3 — Margarida;
- 4 — Francisco;
- 5 — Pedro;
- 6 — Adão;
- 7 — Antonio;
- 8 — Miguel e
- 9 — Jacó.

F1-1 — Nicolau Adão Schmitt, n. 1838, em Spa, + a 02.08.1902, c/ 64 a., em Spa — f. João Adão Schmitt, n. a 31.12.1814, em Brohl, — Alemanha e Ana Maria Bins, n. 1817, alemães dos primeiros colonos de Spa, de 1829. Tiveram 9 filhos — cc Ana Catarina Reitz — (Anna Kett), n. 13.10.1836, em Hirschfeld — Alemanha e + a 22.02.1922, em Spa, c/ 86 anos. F. Johann Reitz, n. 1799, em Hirschfeld — Alemanha e Ana Catarina Klein — n/p. Philippus Matias Reitz, bat. a 21.09.1770, em Hirschfeld e Ana Maria Friedrich, b/p — Johann Petrus Reitz, bat. 23.06.1737, em Hirschfeld, e Ana Maria Müller, t/p. Matias Reitz, bat. a 17.04.1702, Paróquia de Hirschfeld — (Kreis Zell, Trier), e Margaritha, q/p — Heinrich Reitz, cc Eva... (Genealogia da Família Reitz, de PR Reitz — Fi — fl. 98 e 100/101).

O casal teve 9 filhos e 1 + = 10 filhos.

N1-1 — Maria Schmitt, n. 05.07.1861 e bat. Spa a 04.08.1861, (70-30) — f.

Nicolau Adão Schmitt e Ana Catarina Reitz — cc Francisco Antonio Kretzer, n. 1861 — f. Antonio Kretzer e Ana Margarida Petry. Tiveram 10 filhos.

B1-1 — Emília Kretzer, n. 11.09.1882, bat. C. T. a 19.10.1882, fl. 86, nº. 109-10, f. Francisco Antonio Kretzer e Maria Schmitt. Tiveram 6 filhos, Ang. — cc Antonio Gorges.

B2-2 — Regina Kretzer — cc Leopoldo Gesser, Rocinha — Sta. Filomena. Tiveram 15 filhos.

B3-3 — Maria Kretzer, cc Guilherme Bunn, Rancho Queimado. Tiveram 1 filho.

B4-4 — Leopoldo Kretzer casou 3 vezes :

1ª. — Carolina Bunn, c/ 6 filhos.

2ª. — Maria Deschamps, c/ 9 filhos.

3ª. — Apolonia Freiburger, s.s. (sem sucessores).

B5-5 — Herminia Kretzer, n. 1890 — cc Jacó Fuck a 18.11.1902 — Ang. (26-2), f. João Fuck e Carlota Schappo, c/ 5 filhos, Ang. — Garcia.

B6-6 — Cecília Kretzer, n. 1892 — cc João Schappo, a 07.11.1914 (27V-10) Ang. — f. Matias Schappo e Margarida Müller, c/ 16 filhos — Garcia.

B7-7 — Filomena Kretzer, cc Augusto Althof, Águas Mornas, c/ 6 filhos.

(Continua no próximo nº.)

Quem deseja adquirir o catálogo de «Blumenau em Cadernos»?

O Arquivo Histórico «J. F. da Silva», da Fundação «Casa Dr. Blumenau», acaba de concluir os trabalhos de preparação do catálogo-índice de «Blumenau em Cadernos», a partir da primeira edição de novembro de 1957. São cerca de 350 páginas que agora serão impressas em off-set e devidamente encadernadas. Trata-se de uma obra importantíssima para quem deseja encontrar um texto publicado nas 430 revistas já editadas nestes 36 anos de edições mensais ininterruptas. Em poucos segundos, o interessado poderá encontrar o assunto que deseja pesquisar nas páginas da revista.

A Fundação não dispõe de recursos para custear a edição deste importante catálogo. Por isso, estamos oferecendo por antecipação o mesmo às pessoas que queiram adquiri-lo, podendo fazer uma doação de R\$ 100,00 (cem reais) e receberão pelo correio o livro devidamente encadernado tão logo

estiver concluído. Esta doação poderá beneficiar o doador com relação a declaração de renda.

O catálogo é montado através de título e de autor, sendo fácil seu manuseio e o encontro do assunto procurado.

Os que puderem nos auxiliar nesta importante obra, basta enviar, através de cheque ou vale postal a quantia citada e o recibo lhes será remetido, para os que o fizerem pelo correio. Endereço: Fundação «Casa Dr. Blumenau» — «Blumenau em Cadernos» — Caixa Postal, 425 — Blumenau. Ou fazer a entrega do cheque na chefia da Biblioteca «Dr. Fritz Müller» ou na direção do Arquivo Histórico.

Antecipamos nossos agradecimentos aos que nos apoiarem em mais esta iniciativa que resultará na publicação de uma das mais importantes obras de pesquisa histórica relacionada com os 36 tomos de «Blumenau em Cadernos».

À FAMÍLIA ARRIOLA EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

(Continuação)

Eugênio Moreira Júnior, que, em 1890, foi reintegrado no cargo de coletor de S. Bento (61). Em 1º.10.1898 (62), José Elias Moreira já era morador no Rio Negro, quando casou, em segundas núpcias, com Ana Maria Budal, natural do Parati ou de S. Francisco do Sul, ou, ainda, de Joinville, filha de João Francisco Budal e de Maria da Graça Moreira, neta paterna de João Francisco Budal Sênior e de sua primeira mulher Ana Maria, e materna de Joaquim Gomes de Oliveira Júnior e de Engrácia da Graça Moreira, tornando-se, assim, aparentado com os Gomes de Oliveira de Joinville. José Elias Moreira antes fora comerciante em Joinville (63), o que permite imaginar a possibilidade de ter mudado para S. Lourenço propositadamente, segundo um plano político da Província de Santa Catarina de ocupação daquela região.

Morador do Campo Alegre era também Manoel Antônio de Siqueira, natural de Paranaguá, filho de José de Siqueira e de Ana Cordeira, casado com Sebastiana França, natural de S. Bento, filha de Florentino Bueno Gomes e de Escolástica França, conforme batismo da filha Ângela, aos 12.9.1878, tendo por madrinha D. Ângela Douat, católica (64). Parece ter sido casado, em primeiro leito, com Francisca Ribeira, com quem teve o filho José Antônio de Siqueira, morador de S. Bento e viúvo de Ana Maria da Luz, aos 08.9.1879 (65), quando casou com Maria Trindade da Maia, filha de José da Maia de Oliveira e de Maria do Espírito Santo,

todos naturais de S. José dos Pinhais.

Custódio Pereira de Lima, filho de Francisco Pereira Franco e de Maria de Lima, era morador "no lugar chamado Rodeio Grande do distrito de São Bento", onde era casado com Antônia Maria da Conceição, filha de Félix da Costa Bueno e de Maria Francisca, conforme batismo do filho Pedro, aos 11.10.1878, com dois anos e meio de idade, tendo por padrinhos o Vigário de Joinville e D. Isabel Cristina Fagundes (66).

Em S. Bento, outrossim, moravam Cândida Maria e Eusébio da Costa, este último ausente há 11 anos aos 30.9.1876, quando sua mulher batizou o filho adotivo Benjamim, havido com Joaquim Antônio da Silva, "que vive separado de sua mulher", tendo por padrinhos Francisco Bueno Franco e sua mulher Quintiliana Maria de Lima (67).

Martinho Soares de Camargo era "morador nas Bateias do Rio Negro", onde era casado com Maria Leonarda dos Santos, de acordo com o batismo do filho Procópio, aos 30.6.1875, nascido aos 07.9.1874, tendo por padrinhos Matheus Carneiro dos Santos e sua mulher Teresa Maria da Costa, presumivelmente moradores do mesmo lugar (68).

Gersulino José Ferreira era morador "no Turvo, distrito do Rio Negro", aos 04.9.1875, onde era casado com Maria da Luz, segundo o batismo do filho Leonardo em tal data, tendo por padrinhos João Batista de Barros e sua mulher Isabel Clara de Jesus, supostamente também de lá moradores (69).

61 — Cf. C. FICKER, S. Bento do Sul cit., p. 287

62 — Registros da Catedral de Joinville

63 — Cf. C. FICKER, ob. cit., p. 165

64 — Livro n. 5 de batismos de Joinville

65 — Registros da Catedral de Joinville

66 — Id. ib.

67 — Registros de Catedral de Joinville

68 — Id. ib.

69 — Id. ib.

POLÍTICA NO COMEÇO DO SÉCULO

Calúnia contra o Dr. Hugo
Gensch

"Blumenauer Zeitung — N° 8 —

Sábado, 22 de fevereiro de 1902

— Ano 21 —

"EM DEFESA"

"A gente imagina um homem intransigente em suas idéias liberais, convicto social-democrata, que vive num país autocrata, despótico e intolerante, como são as monarquias européias. Assim se pode ter uma idéia de como se revolta contra ele todos os ramos do mecanismo oficial que nele brilham, olhando o povo como escravo do rei e cujo mecanismo foi construído unicamente com o fim de conservar este sistema retrógrado, que não é compatível com a liberdade actual.

É grande o número de destacados homens dignos, apóstolos de idéias livres e humanitárias. É grande, por intransigência das velhas monarquias fugirem para o exílio onde foram levados, quando não jogados em prisões e por causa de processos arbitrários pagam penas, por não terem se curvado diante do senhor, não reconhecendo nele seus direitos divinos de superioridade.

Nenhuma população no Brasil está em situação melhor para julgar a severidade com que na Alemanha são perseguidos: republicanos, socialistas e comunistas, do que a população de Blumenau. Muitos encontraram e

sentiram bem de perto o partidarismo, a injustiça e a ferrenha perseguição dos agentes da polícia, que estavam ansiosos para aparecer e submeter-se à vontade imperial. Dentre os homens livres que vieram para cá, lembramos os nomes do Dr. Blumenau, Friedenreich, Dr. Müller, August Müller; todos fugiram da intransigência política e religiosa de sua pátria. E para usar as palavras de um deles: onde lhes era dificultada a vida ou perigos os ameaçavam, pois queriam a liberdade de suas acções e idéias.

Em nenhum deles se descobriu o covarde e meio, na maldade da polícia imperial uma prova contra sua honestidade, uma mácula contra seu carácter como homem e cidadão.

Fora do nosso modesto círculo, na história de todos os povos, figuram destacados homens que suportaram os castigos mais infâmes e deterioraram nas masmorras como vítimas das injustiças absurdas e das perseguições brutais dos déspotas reinantes das nações.

Estes fatos são conhecidos e estão diante dos olhos as injustiças e perversidades que representam e são avaliados de acordo com seu valor monstruoso. Aqui no Brasil anseiam e praticam o regime da maior liberdade. O que existe de tão extraordinário em um homem como o Dr. Gensch, social-democrata do banco da academia; convicto inimigo da monarquia e regime autoritário de sua pátria; que já entrou uma vez ou

cerca de 57 anos de idade, de congestão cerebral (81), foi casado, em segundo leito, com D. Maria Narciza dos Santos (82), viúva de João Ricardo Guimarães, filha do Cel. José Antônio dos Santos e de D. Francisca Maria da Luz Santos, de acordo com o batismo da filha Narciza, aos 25.12.1880 (83), tendo por padrinhos José Celestino de Oliveira e sua mulher D. Maria Benedicta de Loyola e Oliveira. Era irmão de Agostinho Ferreira de Loyola, também natural de Morretes, casado com sua sobrinha D. Maria Luiza de Loyola, filha do susodito Capitão Vicente, conforme batismo do filho Leôncio, aos 08.1.1882, nascido aos 21.10.1881 (84). Eram ervaiteiros e ligaram-se aos Gomes de Oliveira de Joinville e de S. Francisco do Sul, por intermédio do casamento de Víctor Celestino de Oliveira, natural de Morretes, aos 03.7.1897 (85), de 23 anos, com D. Rita Gomes de Oliveira (86), de 24 anos, filha do Alferes João Gomes de Oliveira Sênior — não usava o agnome — e de D. Rosa Leocádia Machado, neta paterna do Capitão Salvador Gomes de Oliveira e de Rita Clara de Miranda Coutinho, e materna de Manoel Machado Gallo Júnior e de Josefa Maria da Conceição, naturais da Ilha de Santa Catarina e descendentes dos colonizadores açoritais. Arge-miro Loyola, prematuramente falecido, era "republicano convicto" e freqüentou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, antes de instalar-se no bairro de Oxford, em S. Bento do Sul, em 1880.

Ligado à gente do Paraná, talvez por força de atividades pecuárias, foi o Antônio Bueno da Rocha, natural de S. José dos Pinhais, morto no Parati, aos

28.11.1867 (87), filho de Francisco Xavier e de Rosa Bueno, casado com Jesuína Maria da Silva, filha de Salvador Antônio da Silva e de Graciosa Maria da Conceição, franciscquenses, com quem teve o filho Gregório Bueno da Rocha, de 23 anos em 30.1.1886, quando casou com Rosa da Silva, de 18 anos, filha de Ângelo Serafim de Oliveira e de Felicidade Rosa da Silva, do Parati (88).

Jesuino Pereira de Camargo, filho natural de Maria Pereira, casou com Maria Gregória, por volta de 1876, filha de Antônio de Quadros e de Catarina Gonçalves, todos de S. José dos Pinhais, assim como também o era Manoel Rodrigues Fernandes, viúvo de Ana Antônia, casado com Francisca de Siqueira, filha de Manoel Fidélis de Siqueira e de Joaquina Carvalho, pela mesma época (89).

Manoel Soares Bueno, natural de S. José dos Pinhais, filho de José Soares Bueno e de Adriana Gonçalves, casou aos 11.7.1876, quando tinha 22 anos, com Madalena Maria, de 27 anos, natural de Santo Antônio da Lapa, filha de José Rodrigues de Lima e de Maria da Conceição (90).

Do rol dos moradores do distrito de S. Bento, era Belmiro Coelho da Rocha, natural de Sobreiro, Concelho de Paredes, em Portugal, filho de Lourenço Coelho da Rocha e de Justina da Rocha, casado, aos 06.8.1876, com Tomásia de Carvalho de Lima, batizada em Morretes e natural de S. José dos Pinhais, filha de Cesarino de Carvalho Bueno e de Felicidade Maria de Lima (91).

De serra acima, outrossim, era morador Evaristo José de Maçaneiro, com 20

81 — Livro n. 9 da Matriz de N. Sa. da Graça

82 — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, Genealogia Paranaense, Vol. 1, p. 215

83 — Registros da Catedral de Joinville

84 — Livro n. 5 de batismos da Catedral de Joinville

85 — Registros da Catedral de Joinville

86 — Cf. F. NEGRÃO, ob. cit., Vol. I, p. 233

87 — Livro n. 1 de óbitos da freg. do Senhor Bom Jesus do Parati

88 — Registros da Catedral de Joinville

89 — Registros da Catedral de Joinville

90 — Id. ib.

91 — Id. ib.

anos em 1876, quando casou com Luciana Nogueira dos Santos, de 16 anos, filha de Calisto de Santiago e de Maria da Conceição, sendo todos de S. José dos Pinhais (92).

Isaac Ribeiro de Lima, morador no distrito de S. Bento, filho de Francisco Ribeiro de Lima e de Isabel de Lima, casou, por volta de 1876, com Francisca Gonçalves das Neves, filha de Francisco Gonçalves Frutuoso e de Íria Maria das Neves, todos, igualmente, de S. José dos Pinhais (93).

Morador de S. Bento, outrossim, era João Nepomuceno, casado com Joana de Maçaneiro, por volta de 1876, ambos de S. José dos Pinhais (94).

Morador do distrito de S. Bento era, do mesmo modo, João Brizado da Silva, natural do Pará, filho de Manoel José da Silva e de Joana Maria, ambos já falecidos então, casado, aos 26.2.1877, quando tinha 57 anos de idade, com Maria das Dores Pedroso, de 26 anos, filha de Manoel Pedroso e de Ana Roberta (95).

Pedro Martinho de Oliveira, filho de Simão Martins de Oliveira e de Gabriela Carneira, morava "no lugar Carneiros do distrito de São Bento" (sic), onde era casado com Rosa Maria Simões, filha de Salvador Ribeiro Simões e de Maria Joaquina Cardoso, de acordo com o batismo do filho José, aos 21.6.1880, tendo por padrinhos Pedro Simões Ribeiro e sua mulher Rita Gertrudes de Faria (96). Desses Simões talvez fosse parente o Joaquim Simões, natural de S. José dos Pinhais,

filho de Felisberto Simões e de Maria Felícia Teixeira, casado com a francisquense de origem curitibana Delfina Gonçalves Padilha, filha de Antônio Gonçalves Rodrigues e de Francisca Gonçalves Padilha, neta paterna de Manoel Gonçalves Rodrigues e de Maria Luiza Cardoso, e materna de Manoel Gonçalves Padilha e Maria Machado de Siqueira, todos naturais de "São José da Curitiba", conforme batismo da filha Carolina, aos 13.3.1831, tendo por padrinhos Francisco Machado Pereira e Maria Rita da Conceição, casados (97).

Por volta de 1890, era comerciante no Campo Alegre o Francisco Bueno Franco, em cuja casa fora convalescer Gustavo Lebon Régis, particular amigo de seu pai Alexandre Justino Régis, natural de S. Miguel da Ilha de Santa Catarina (98).

João Fragoso e José Manoel da Cruz eram dois tropeiros que, à certa, moravam nas imediações do distrito de S. Bento em 20.9.1873, quando levaram os 70 homens escolhidos pela Direção da Colônia D. Francisca para iniciar a colonização de S. Bento (99). No ano seguinte, foi a vez de Antônio Pereira de Lima, outro tropeiro das imediações (100). Francisco Antônio Maximiano, o Chico David, Antônio dos Santos e Joaquim Pinto de Oliveira eram "brasileiros" citados por perturbarem a tranqüilidade dos colonos (101). Francisco Antônio Maximiano e Antônio dos Santos Siqueira tinham posse legítima à margem norte da estrada D. Francisca, o mesmo não acontecendo com Bento

92 — Id. ib.

93 — Id. ib.

94 — Id. ib.

95 — Id. ib.

96 — Registros da Catedral de Joinville

97 — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

98 — Cf. GUSTAVO KONDER, Coronel Gustavo Lebon Régis, Blumenau em Cadernos, Tomo XI, outubro de 1970, n. 10, pp. 181 e ss.

99 — Cf. C. FICKER, S. Bento do Sul, Subsídios para sua Hist., p. 45

100 — Ob. cit., p. 61

101 — Ob. cit., p. 74

102 — Ob. cit., p. 95

103 — Ob. cit., p. 139

104 — Ob. cit., p. 156

Martins de Oliveira, Ignácio Carneiro, Bernardo Carneiro e Manoel Vaz de Siqueira (102). Um Bento dos Santos Martins, genro do Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco, era intruso que moveu ação contra os colonos Rudnik, Raabe e Thurik, em virtude de estes haverem derrubado suas cercas. Francisco Teixeira de Freitas, Francisco Bueno Franco e Antônio Pereira dos Santos concorreram ao ofício de juiz de paz em 1878 (103). Manoel de Oliveira Franco morava a oeste de S. Bento (104). Em 1879, os cinco moradores do Campo Alegre eram: Francisco Bueno, Anastácio Lima, Paulo Machado, Amâncio Alves Correia e Augusto Noronha (105).

O sobredito Bento dos Santos Martins era parente de um Simões Carneiro (106). Em 1880, um Daniel Machado do Souto se diz possuidor da "metade do Campo Alegre", por compra que fizera a José Carneiro, em 1853, motivo por que só a outra metade pertenceria aos herdeiros do finado Joaquim Machado (107). Na freguesia de S. Lourenço, moravam Laurindo Joaquim Bello e dois cúmplices acusados de incendiar uma ponte da estrada D. Francisca propositadamente (108). Em 1880, moravam também no Campo Alegre Crispim Alves Machado, sua filha Isabela, Antônio Francisco Carneiro e outros (109). Em 1881, foi nomeado agente do Correio em S. Bento José Secundino de Oliveira (110). No mesmo ano, foram escolhidos os seguintes eleitores do 2º. Distrito de S. Bento: Francisco Simões da Silva, Miguel Pereira Lima, Cândido José Munhoz,

José Elias Moreira, Pedro Alves Machado, Antônio Felisbino Lamim, Francisco da Silva Braga, Florentino Bueno Gomes, Francisco Teixeira de Freitas, Leonardo Teixeira da Rocha, Manoel Bernardino Maia, Martinho Soares de Camargo, Pedro Teixeira de Freitas, Sebastião da Maia Oliveira, Antônio José Franco, Antônio Rodrigues dos Santos, Benedito Teixeira, Amâncio Alves Correia, Antônio Pereira dos Santos Bueno, Anastácio José Preto, Francisco Bueno Franco, Francisco de Paula Pereira, João Antônio Pereira, Simão Martins de Oliveira, Antônio dos Santos Siqueira e Antônio Joaquim de Castilho (111). Ainda no mesmo ano de 1881, foram fundadores da Sociedade Literária São Bento: José Bueno de Sousa, João Filgueiras de Camargo e Agostinho Ribeiro da Silva, afora os de outra etnia (112). No lugar "Faxinal dos Teixeiras", distrito de S. Bento, em 1882, envolveram-se em briga, durante uma corrida de cavalos, Adão Lourenço, David Martins, Bento Martins, Francisco Alves, Manoel Alves e Antônio Ambraia. Na margem direita do Rio da Lança, ficava a fazenda de Antônio Ricardo dos Santos Filho (113), que era filho do Comendador Dodoca (114) e de Córdula Maria dos Santos. Dentre os luso-brasileiros votados, em 1884, para vereadores do novel Município de S. Bento estão os nomes de Francisco Bueno Franco, Pedro Gomes de Oliveira, Antônio Pereira dos Santos e Benedito Teixeira (115).

(Continua no próximo nº.)

105 — Ob. cit., p. 156

106 — Ob. cit., p. 161

107 — Ob. cit., p. 166

108 — Ob. cit., pp. 166-167

109 — Ob. cit., p. 185

110 — Ob. cit., p. 195

111 — Ob. cit., p. 201

112 — Ob. cit., p. 204

113 — Ob. cit., p. 233

114 — Cf. F. NEGRÃO, ob. cit. 3º. Vol., p. 130

115 — C. FICKER, ob. cit., p. 240

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Pául; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.